



Serra da Santa Cruz: um patrimônio de agrobiodiversidade das comunidades sertanejas de Monte Santo, Bahia

Serra da Santa Cruz: a agrobiodiversity heritage of the sertanejas communities of Monte Santo, Bahia

CONCEIÇÃO, Michele dos Santos¹; TROILO, Gabriel²

¹Universidade do Estado da Bahia, michelleconceicao13@gmail.com; ²Escola Família Agrícola do Sertão, gabriel.ogabiru@gmail.com

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: A serra da Santa Cruz é um monumento natural tido como santuário sagrado que representa importante patrimônio de agrobiodiversidade das comunidades sertanejas de Monte Santo, semiárido da Bahia. Sendo conhecida como “monte milagroso” a serra atraiu diversos povos e comunidades para viver em seu entorno, pois além do misticismo, há em sua estrutura um conjunto de nascentes perenes e uma vegetação de caatinga mais densa e biodiversa. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa participativa feita junto às comunidades tradicionais que vivem no entorno da serra, sobre a forma como estas usufruem dos recursos da mesma, no sentido de compreender a importância social, cultural e ambiental da Serra da Santa Cruz para a população de Monte Santo. Os resultados demonstram que há um conjunto de recursos e condições ambientais gerados pela serra que são essenciais para a manutenção do modo de vida tradicional das comunidades, mas que necessitam de maior cuidado para continuarem existindo.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; Manejo Ambiental; Comunidades Tradicionais; Convivência com o Semiárido

Keywords: Agrobiodiversity; Environmental Management; Traditional Communities; Living with the Semi-Arid.

Introdução

Este trabalho levanta a discussão sobre a importância da manutenção do patrimônio biocultural dos povos e comunidades tradicionais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Pouco se fala sobre o patrimônio biocultural, que conforme Rodrigues Júnior (2009) o termo “patrimônio biocultural” significa:

O termo patrimônio cultural (tanto tangível quanto intangível, incluindo [...] folclore, [...] conhecimentos, inovações e práticas) e o patrimônio biológico (diversidade de genes, variedades, espécies [...]) dos povos indígenas, sociedades tradicionais e comunidades locais [...]. Este patrimônio inclui a paisagem como dimensão espacial, em que a evolução do patrimônio biocultural [...] tem lugar. O aspecto interessante do escopo do termo é a inclusão do patrimônio artístico (as ECTs) e dos conhecimentos e elementos técnicos (CTs). Contudo, o termo também se estende às paisagens naturais. (RAMOS & ASSIS, 2018 apud RODRIGUES JÚNIOR, 2009, p. 43).



Conforme RODRIGUES JÚNIOR, 2007 apud RAMOS & ASSIS, 2018 “A natureza e a cultura mantêm continuamente uma relação de influência mútua: as culturas são construídas a partir dos elementos da natureza, ao mesmo tempo em que influenciam (positiva ou negativamente) o desenvolvimento e a conservação da natureza”.

O trabalho traz o contexto da relação entre comunidades sertanejas de Monte Santo, no semiárido da Bahia, e a Serra da Santa Cruz, um monumento natural envolto em misticismo histórico-religioso, sendo considerado um dos mais importantes Santuários Sagrados da religião católica, e que deu origem à própria cidade [Figura 1]. Para as comunidades circunvizinhas a serra é bastante representativa nas dimensões ambiental, religiosa e sociocultural. Entretanto, embora seja tombada pelo IPHAN, desde 1983, como patrimônio paisagístico, histórico e cultural, a mesma vem sofrendo intensos processos de degradação que implicam diretamente na ameaça à biodiversidade e à manutenção dos bens comuns dos/as camponeses/as das comunidades tradicionais em suas múltiplas dimensões, demandando assim, ações emergenciais e contínuas voltadas à recuperação das áreas altamente afetadas e gestão ambiental adequada dessa riqueza natural, bem como para o desenvolvimento de estratégias de transição agroecológica da produção destas comunidades e fortalecimento do campesinato tradicional sertanejo.

É neste território que ainda persistem povos e comunidades com modos de vida que estabelecem o acesso comum à terra e o uso racional dos recursos naturais. A exemplo das comunidades de Fundo de Pasto, sistemas de uso comum da terra presentes em todo semiárido baiano, que estão entre as formas de organização social camponesa mais resilientes e que nos demonstram um exemplo de prática social produtiva sustentável na atualidade. Remanescentes de práticas tradicionais de subsistência de comunidades camponesas em sua interação com a bioma local, as reservas de pasto de uso comum são formadas por amplos territórios de caatinga conservada em pé. As comunidades de Fundo de Pasto, portanto, são assim designadas fundamentalmente por conta de um modo de desenvolvimento socioterritorial peculiar na sociedade rural brasileira: o uso comum da terra (GARCEZ, 1987; ALCÂNTARA e GERMANI, 2010). A serra da Santa Cruz é exemplo deste território de uso comum, acessado por um conjunto de comunidades, e pela relação que elas estabelecem historicamente com o território e a caatinga da serra, compreendemos que há um importante patrimônio biocultural mantido nas práticas e saberes tradicionais destas populações.

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma pesquisa participativa feita junto às comunidades tradicionais que vivem no entorno da serra da Santa Cruz, sobre a forma como estas usufruem dos recursos da mesma na produção da subsistência e garantia de seu modo de vida tradicional, no sentido de compreender a importância social, cultural e ambiental da Serra da Santa Cruz para a população rural de Monte Santo.



Metodologia

A investigação foi realizada em quatro comunidades rurais da cidade de Monte Santo, que estão localizadas no entorno da serra da Santa Cruz: Comunidade Tapera, Comunidade Fazenda Velha, Comunidade Sítio do Serapião e Comunidade Paus Verdes. O método para a construção deste trabalho seguiu uma abordagem qualitativa, através da realização de entrevistas semiestruturadas e diálogos abertos junto aos produtores rurais das referidas comunidades, sendo coletadas narrativas de cinco moradores de cada comunidade com faixa etária de 20 a 100 anos de idade. O objetivo das entrevistas foi entender as relações das comunidades com a serra a partir da compreensão do contexto de vida dos moradores (produção agropecuária, agroextrativismo, renda, cultura e relações sociais). As perguntas abordaram temas relacionados à economia, uso e degradação dos recursos naturais da serra, atividades produtivas tradicionais e a história da relação das comunidades com a serra.

Resultados e Discussão

Através das narrativas dos moradores entrevistados pôde-se compreender a importância socioeconômica que a serra tem para as comunidades, pois através dela as famílias conseguem garantir a subsistência utilizando seus recursos e aproveitando sua característica climática para desenvolver uma série de produções, de culturas anuais como feijão, milho, mandioca, em sua maioria realizadas de forma comunitária. Além da tradicional produção da caprinovinocultura de corte, de forma extensiva, utilizando a caatinga da serra como área de pastoreio de uso comum.

Já a importância cultural está vinculada ao aspecto religioso, pois os habitantes das comunidades em ato de fé e devoção sobem a serra periodicamente para renovar os laços com o divino. A espiritualidade que envolve o Santuário Sagrado da Santa Cruz tem grande importância para os moradores de seu entorno, o que ficou expresso na maior parte das narrativas. Um dado interessante que surgiu nas entrevistas quando se tocava nas questões ambientais é que os agricultores em momento algum deixaram claro que é importante preservar a serra por reconhecerem que esta abriga uma rica biodiversidade, pela estrutura de mata evitando degradação do solo, tão menos a relevância das áreas de preservação permanente que mantém protegidos os recursos hídricos tão importantes para as comunidades. Eles apenas demonstram a preocupação em preservar os recursos da serra pela importância que estes têm para a produção agrícola. Outro aspecto que gera o respeito pela serra, demonstrando pela maioria é a sacralidade que a envolve, pelo encantamento gerado pelo santuário, como muitos dizem, tal percepção que acaba por provocar nos pequenos agricultores um temor e respeito pelo bem natural



que ultrapassa as questões ambientais. Ou seja, o valor espiritual atribuído à serra coopera para a preservação da mesma, um temor que produz respeito e devoção por parte dos moradores das comunidades. Acreditam que devem utilizar os recursos sem ganância, apenas usando o necessário e de forma coletiva, pois se agirem de forma ambiciosa a “*fonte seca*” como forma de castigo divino.

Os recursos disponíveis nos entornos da serra, verificados nas entrevistas e observações de campo, são as águas das nascentes, em sua maioria perenes [Figura 2], a vegetação nativa da caatinga com potencial forrageiro e extrativista, as terras cultiváveis mais férteis e o microclima gerado pela presença da declividade e pelos vales. Recursos estes que são utilizados historicamente pelas comunidades de forma frequente, principalmente a água das nascentes. Entretanto, atualmente a dependência das comunidades para com os recursos hídricos da serra está enfraquecendo, pois, as famílias construíram cisternas em suas casas e tanques coletivos na comunidade que captam água da chuva, além do abastecimento de água por carros pipas e pela EMBASA. Em relação às atividades agropecuárias no entorno, estas são desenvolvidas em escala razoável se comparada a períodos anteriores, pois os agricultores relataram desenvolver a produção apenas para a manutenção da subsistência da família.

Apesar do índice de atividades desenvolvidas serem razoáveis ultimamente, as áreas da serra não estão ilesas dos processos mais comuns de degradação ambiental. Conforme verificado as culturas agrícolas anuais, a criação de animais (caprinos, ovinos e bovinos) e as atividades turísticas-religiosas estão contribuindo com o avanço do desmatamento da caatinga serra. O pisoteio do gado bovino em solo úmido é um dos fatores que ocasionam compactação do solo, impossibilitando assim, infiltração da água, impede o desenvolvimento da fauna do solo e conseqüentemente sua fertilização. Segundo RAMOS & ASSIS, 2018 a natureza exerce um papel importante para a propagação e conservação do patrimônio biocultural “quando a natureza é agredida, perde-se a base do patrimônio biocultural e todo o seu desenvolvimento é prejudicado. Não há como se pensar em sua conservação para as futuras gerações desatrelando-o da natureza” (RAMOS & ASSIS, 2018).

Por meio dos resultados pode se perceber que “A natureza e a cultura mantêm continuamente uma relação de influência mútua: as culturas são construídas a partir dos elementos da natureza, ao mesmo tempo em que influenciam (positiva ou negativamente) o desenvolvimento e a conservação da natureza” (RODRIGUES JÚNIOR, 2007 apud RAMOS & ASSIS, 2018).

Através da pesquisa foi possível compreender que a serra vem sofrendo intensos impactos ambientais decorrentes do turismo, extrativismo e de atividades agropecuárias. Contudo, a conservação de tal patrimônio, ao longo das gerações, tem sido parcialmente viabilizada, principalmente pelas comunidades tradicionais



envolvidas em seu contexto, para as quais as relações socioculturais e religiosa são extremamente importantes. Na dimensão ambiental, os/as camponeses/as inseridos/as nesta realidade, compreendem a importância da conservação do ambiente natural por se tratar do local em que estes/as desenvolvem suas produções de auto sustento e por ser considerada uma área sagrada e encantada. Neste sentido, acreditam que devem utilizar os recursos de forma responsável, apenas usando o necessário e de forma coletiva, por conta de um temor no âmbito espiritual que gera respeito ao santuário e à natureza em seu derredor.

Conclusões

Uma das compreensões mais importantes resultantes deste trabalho diz respeito à percepção da importância da serra por parte dos sertanejos de comunidades tradicionais, mesmo que essa percepção seja ligada à um caráter de sacralidade que envolve o santuário, ou mesmo à provisão que a serra gera para as famílias que vivem em seu entorno. Mesmo assim esta percepção acaba por gerar a preocupação nas comunidades em preservar o ambiente natural da serra, para garantir boas provisões de recursos naturais e da agrobiodiversidade para as futuras gerações, na certeza de que tudo o que for produzido sempre no sopé da serra será alcançado em quantidade e qualidade desde que cuidem dela. Percepção esta que está presente no reconhecimento da riqueza natural que ela representa, como fica evidente em uma narrativa do agricultor “*Aqui a fortuna é esse pé de serra*”.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, D. M; GERMANI, G. I. **As comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia: luta na terra e suas especializações.** Revista de Geografia, v. 27, n. 1, 2010.

GARCEZ, A. N. **Fundos de Pasto - Um projeto de vida sertanejo.** Salvador: INTERBA, CAR, 1987.

RAMOS, A. V. G. F; ASSIS, C. C. **Patrimônio biocultural indígena e a economia social e solidária: o desafio panamazônico.** Anais do "V Congresso Internacional de Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Pan-Amazônia - Integrar e Proteger" e do "I Congresso da Rede Pan-Am

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

RODRIGUES JÚNIOR, Edson Beas. **A proteção internacional do patrimônio biocultural imaterial a partir da concepção de desenvolvimento sustentável.** 2009. Tese. (Doutorado em Direito Internacional) – Faculdade de Direito,

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Alimentares



Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: acesso em: 14 set. 2018.